

3) O 1º ano do Ensino Fundamental I pode ser um ano relativamente confuso / difícil para as crianças, uma vez que acabaram de chegar no Ensino Fundamental, acabaram de sair da Educação Infantil e tudo é novo, diferente e intenso. A relação com a nova escola (se for o caso), o novo ambiente e as pessoas que ali frequentam é, igualmente, intensa e, por vezes, assustadora. O tema da identidade interpessoal, da noção de coletivo e da relação que se estabelece com o outro é bastante rico e fértil para se trabalhar com este ano - um ano de intensas aventuras e descobertas.

Nesse modo, buscaria organizar a turma em rodinha para que todos possam estabelecer um contato visual. Olhar e perceber o outro é extremamente importante para o estabelecimento e a cimentação das relações. Iniciaria a conversa me apresentando e pediria que todos/as fizessem o mesmo. É possível que de imediato os alunos se mostrem tímidos. Caso, de maneira geral, os alunos não queiram falar, faria uma brincadeira chamada "Você gosta de brincar de quê?". Nessa dinâmica, os alunos são convidados a citar brincadeiras que gostem de brincar e, a partir das respostas dos alunos, provavelmente haverá coincidências, respostas parecidas ou que se complementem e, nesse momento, os alunos passariam a notar uns aos outros e a falar.

Após o momento de apresentação, conversa e brincadeira, leria um ou dois livros que falam sobre amizade, "o outro", tal como "A árvore



generosa". Em determinado momento, gostaria de fazer a leitura, também, de "Ubuente" - uma história de origem africana, a qual eu adaptaria para a classe. Uma das ideias mais relevantes desse conto é a de que "eu sou porque nós somos", então não pode existir um "eu" feliz ao fazer "o outro" triste. Num sentido estrito, a vida na sala de aula é construída num senso de turma, de comunidade, de "mim e você" e o meu objetivo, enquanto docente, é de ajudar aos alunos a tecer esse tipo de consciência de relação, numa ideia socioconstutivista.

Do mesmo modo, o 2º ano também pode ser um ano difícil e, por isso, a manutenção da identidade interpessoal permanece necessária. Em alguns casos, de maneira geral, entram e saem alunos, então ainda é preciso investir no senso coletivo.

Nesse sentido, os alunos, também ^{contados} em formato de rodinha, se apresentariam aos alunos novos (e antigos) e contariam sobre as férias. Nesse momento de troca, espera-se que hajam depoimentos parecidos e compatíveis, de modo que os alunos, espontaneamente, reagiriam aos relatos dos colegas.

Realizaria, com a turma, a leitura compartilhada de textos que dialogassem com essa temática, já numa perspectiva interdisciplinar com Língua Portuguesa. Mostraria, também, como as relações humanas se pautam sob tal modelo de coletivo, de interpessoalidade e trata o tema do trabalho humano como elemento social, de forma a articular com a História e a Geo-

grafia. Espera-se, assim, que os alunos comecem a perceber que a interpessoalidade e a coletividade permeiam todos os âmbitos de sua vida, e que o respeito, a tolerância se fazem primordiais nos espaços sociais.

Por fim, no terceiro ano, seguiria a mesma linha de atuação, na tentativa de solidificar ideias trazidas no 1º e no 2º anos: "eu sou porque nós somos". Nessa perspectiva interdisciplinar, faria leitura em grupo de outro livro sobre essa temática, e pediria que elaborassem um texto a esse respeito. Avaliaria a escrita performativa do texto e seu conteúdo. Pediria que escrevessem uma narrativa que abarcasse o tema de amizade, respeito, tolerância e amor.

Ainda nessa perspectiva, apresentaria o conteúdo de geografia referente ao bairro e à comunidade onde o aluno vive, de modo que ele/ela seja capaz de perceber as relações ali envolvidas, em conjunto com os temas pertinentes ao ano, como os conceitos de quarteirão, bairro, cidade, estado e país e, em seguida, localização espacial.

Salienta-se que, em todos os anos, lançava-se mão de atividades em dupla, trio ou grupo; muita leitura para retornar/reforçar a temática da interpessoalidade e coletividade; organização de murais e projetos que mobilizassem o grupo, dentre outras atividades que prezassem pelas relações e sinalizasse "questão do social" como elemento formativo (Vygotski).



2) Um dos gêneros discursivos trabalhados no 3º ano do Ensino Fundamental I é a narração, por meio da qual os alunos ~~elaboram~~^{narram} histórias ~~apresentando~~ apresentando os personagens, os acontecimentos da história, podendo ter o suporte de imagens e/ou de outras histórias. Assim, faz-se imprescindível ler com a turma, fomentando a leitura e a literatura, livres do gênero.

Dessa forma, organizava uma aula na qual trabalharia a narração a partir de uma outra perspectiva: a partir das narrativas de medo.

Como forma de introduzir esse tipo de narrativa, ornamentaria a sala (ou o "lanchinho da leitura") com desenhos de medo e fazia a leitura em voz alta de um livro que se relacionasse a esse conteúdo. A escolha desse conteúdo se justifica por apresentar ao aluno mais uma forma de se narrar, sem ser por meio das histórias mais comuns utilizadas. Além disso, pode ser um desafio para algumas crianças lidarem com seus medos e diferenciá-los do real do imaginário. Narrativas de medo, em geral, costumam chamar a atenção dos alunos, tornando a aula divertida e atrativa.

Contaria, então, um livro "de medo", de que apenas tivesse esse tema, como, por exemplo, "10 esqueletos ateiros", que costuma chamar muito a atenção dos alunos, por ser lúdico, divertido e "de terror". O assustador também é interessante e, por vezes, se torna instigante para o aluno escrever sobre. Objetiva-se, assim, trabalhar a

narrativa, por meio de uma temática diferente e que induza ao aluno a criar, inventar e escrever com gana.

Após a leitura de um ou dois livros acerca do tema do medo, e depois de conversar com os alunos sobre a história e a narrativa, pediria que elesassem suas próprias histórias de terror. Como recurso para auxiliá-los na escrita, caso eu percebesse certa dificuldade, eu poderia iniciar a história e eles deveriam continuá-la. Simularia a questão dos parágrafos, da pontuação, da coerência e da coesão, para que a história ficasse "de arrepiar".

Os recursos utilizados seriam a ornamentação do local de leitura para contextualizar o procedimento, a leitura em voz alta para o grupo de um ou dois materiais e a solicitação da escrita do texto.

Por fim, a avaliação recairia na análise do texto da criança, observando, não só os descritores de avaliação, mas, principalmente, o aluno, isto é, seu histórico, seu processo de aprendizagem, o quanto já percorreu até ali, notando fragilidades e potências. De modo geral, espera-se que o aluno seja capaz de escrever narrativas de medo, aplicando os conceitos trabalhados de coerência, coesão, ortografia, dentre outros aspectos relativos ao 3º ano.

Entende-se que tais procedimentos compreendem os 2 tempos de 50 minutos, sendo que no

primeiro tempo fazia-se a leitura em grupo e no segundo tempo os alunos faziam a produção textual.

1) I) A subtração aditiva é um recurso importante para se realizar problemas de subtração, uma vez que estimula o cálculo mental por parte do aluno. Contudo, é preciso estar atento e mediar quando a criança apresentar dúvidas, uma vez que ela pode cair na "tentação" de apenas querer somar. No caso da resolução do problema A, Patrícia esquematizou corretamente os valores na reta numérica, mas não soube conduzir a operação. Mesmo tendo apresentado os valores corretos da diferença na parte de cima da reta, a aluna acabou somando os números erroneamente, apenas reproduzindo o ~~resultado~~ número do final da reta (39). Alguns questionamentos emergem, como, por exemplo, que reflexão Patrícia fez na hora de utilizar a reta numérica? Como conduzir satisfatoriamente a ideia da subtração aditiva? Como fazer o aluno compreender e refletir acerca do enunciado proposto?

Construir os conceitos de adição e subtração prevê estabelecer que adição pressupõe juntar, adicionar e que subtração pressupõe retirar, diminuir e é preciso ir além disso, fazendo e tentando facilitar o pensamento da criança de quando tem que adicionar e de quando tem que subtrair, processos ainda difíceis para a criança discernir.

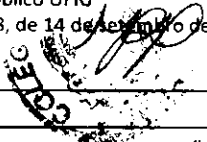
Já na resolução do problema B, Bruno soube utilizar a reta numérica a seu favor, utilizando a adição devidamente e realizando a operação corretamente. Bruno soube efetivamente chegar ao resultado que responde ao problema.

É válido ressaltar, outrossim, que no problema A, Patrícia teve que lidar com 3 parcelas para somar, o que dificulta o procedimento. Já Bruno, não, o que talvez fosse mais simples e mais recorrente para o aluno.

II) Trabalhar os conceitos de adição e subtração exige utilizar materiais concretos, uma vez que nesse fase a criança ainda necessita desse suporte. Para tanto, levava para a sala, várias anéis de lata para distribuir para as crianças. Fazia atividades que fizessem com que elas fossem adicionando/aumentando seu quantitativo de anéis e percebessem que quanto mais anéis elas pegavam, mais ficava a quantidade. O mesmo fazia com a subtração, fazendo-os devolver os anéis para o pote.

Outro recurso lúdico seria o "Domínio da Adição" e o "Domínio da Subtração", os quais seriam jogados em grupo pelas crianças e estimularia pensar rápido, mas dentro dos seus limites, e faria da adição e subtração processos mais lúdicos e divertidos.

Salienta-se, também, que, para além da reta numérica, utilizaria a tabela numérica para



~~resolva~~ fazê-los resolver os problemas apresentados. Trata-se de uma tabela ~~q~~ numerada de 1 a 100, que ajudaria a vê-los, mais concretamente, o número, a ordem e poderia ser usada para a adição e subtração. Nesse modo, para resolver o problema A, Patrícia poderia pegar a tabela e circular o número que primeiro foi indicado no problema (39) e fazia um sublinhado deste número até chegar ao outro número mostrado (15), sublinhando o 15, inclusive. Após envolver apenas o 39 e sublinhar do 38 ao 15, Patrícia contaria quantos números estão sublinhados, chegando, assim, ao resultado 24. A tabela pode ser utilizada tanto para adição quanto para subtração e poderia ser mais um recurso disponível para a criança resolver as operações a seu favor.